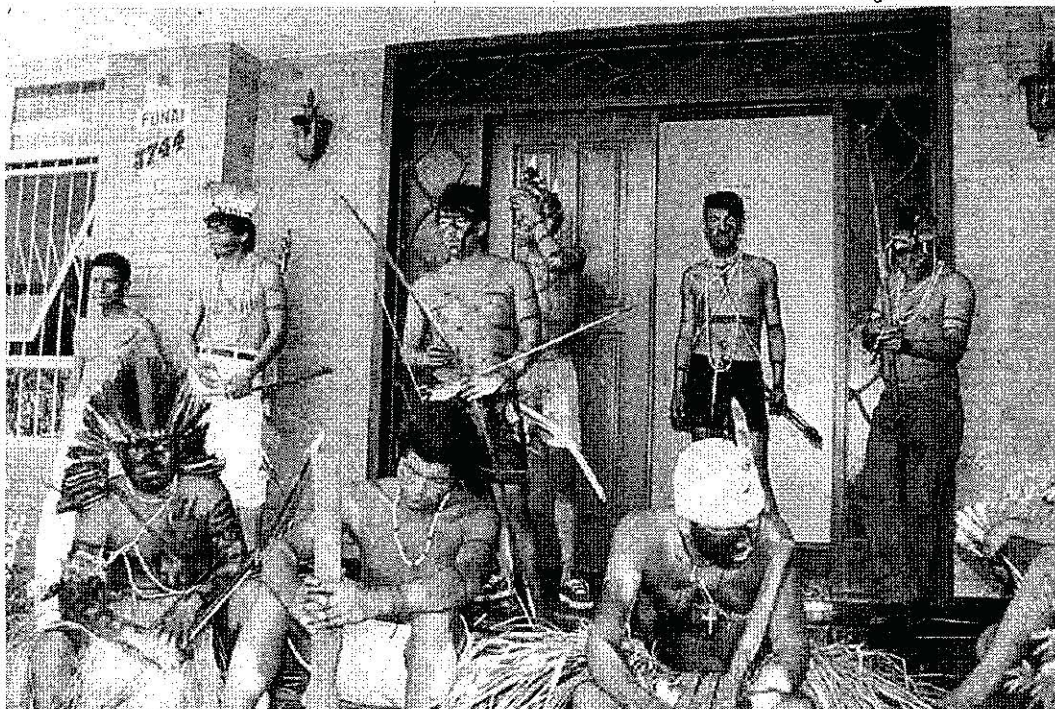


Miguel Palácios/A Crítica



Durante três dias, cerca de 200 índios terena ocuparam prédio da Funai, em Campo Grande

## Índios desocupam Funai

■ Terenas libertam reféns e negociam ampliação de área

ARNOR RIBEIRO

Agência JB

CAMPO GRANDE – Os 80 índios terena que invadiram a sede da administração regional da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Campo Grande desocuparam o local ontem à tarde. Pintados e armados de arco e flecha, eles entraram no prédio segunda-feira de manhã para protestar contra a demora na determinação da área da reserva Buriti, nos municípios de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti. Permaneceram mais de 50 horas na sede do órgão, que teve de suspender o expediente.

Nas primeiras horas de ocupação, os terenas fizeram como reféns 30 funcionários. A maioria foi liberada no início da tarde

de segunda-feira. Só dois continuaram em poder do grupo: o administrador interino da fundação, Joel de Oliveira, e o antropólogo Edison Lasmar, coordenador do levantamento fundiário nas áreas reivindicadas pelos indígenas como de seus ancestrais.

Oliveira foi libertado na noite de segunda. Mas o antropólogo permaneceu em poder dos índios até terça-feira às 21h40 (horário de Mato Grosso do Sul), quando, após intensas negociações com o chefe do Departamento de Assuntos Fundiários da Funai, Walter Coutinho Júnior, foi libertado.

**Equipe** – Os índios exigiam a substituição de Lasmar da coordenação do levantamento fundiário. De acordo com a Funai, os indígenas já admitem a permanência do antropólogo, desde que sejam mudados alguns membros de equipe.

Walter Coutinho seguiu na tarde de ontem para a reserva

Buriti, restrita a 2,090 mil hectares, habitados por 2,4 mil índios, que pedem área total de 18 mil hectares. Os 15,910 mil hectares restantes, segundo o líder terena Benício Jorge, estariam com os fazendeiros.

A divergência dos índios com o antropólogo Edison Lasmar está na fixação do tamanho da reserva. Estudos de Lasmar apontam que os terenas teriam direito a 10 mil hectares. Para comprovar que os 5,91 mil hectares restantes são dos índios seria necessário fazer levantamento arqueológico que provasse (por meio de restos mortais, por exemplo) antepassados dos terenas viveram no local.

A reivindicação de terra é feita há 70 anos. “Somos iguais à natureza. Nascemos e morremos no mesmo lugar”, argumenta Benício Jorge. “Se continuar assim, sem haver demarcação, possivelmente pereceremos”, advertiu Benício.